

Dossiê: Antropologia e Fotografia: experimentações e etnografias



Corpo (in)finito? Fronteiras entre vida e morte

(In)finite body? Boundaries between life and death

¿Cuerpo (in)finito? Límites entre la vida y la muerte

Ramon Reis
Instituto Federal do Pará
ramon.reis@ifpa.edu.br
<http://orcid.org/0000-0001-8924-2097>

Apresentação

A ancestralidade é um chão corporificado a nos guiar.

Essa é a premissa que embasa este ensaio, no sentido de lançar reflexões sobre o que chamamos de vida e morte, aspectos que marcam no/entre o corpo, nos objetos que o cercam e na paisagem espécies de receptáculos de memória. O objetivo é situar as imagens em um espaço-tempo coextensível e sensorial para construir “imagens-histórias” (SAMPAIO, 2011) de quem se foi, de quem permanece e do que virá — um fluxo espiralado de memórias, resistências e prospecções.

Os primeiros rascunhos da pesquisa ocorreram no período entre dezembro de 2019 e junho de 2020, momento de disseminação de informações globais sobre a existência de um novo vírus e o anúncio dos primeiros casos de infecção e morte por Covid-19 no Brasil e no mundo. Cumprindo os protocolos de isolamento social, comecei a escrever uma série de textos com temas variados, quais sejam: exclusão, solidão, violência, morte, saúde, vida, infância e relações familiares. A minha rotina se resumiu a alguns atos repetitivos que foram aos poucos ganhando certa densidade, como acordar, tomar café, almoçar, fazer algum tipo de exercício físico dentro de casa, descansar, assistir televisão, jantar e dormir. Foram quatro meses vivenciando isso tudo diariamente.

Tomei de empréstimo a noção de “dimensão corporal da ação”¹ de Judith Butler (2018) para situar o meu corpo em um espaço-tempo específico que pudesse ser representativo desses atravessamentos, ou seja, que me conectasse não apenas às lembranças de um período da minha história de vida, mas que também dialogasse com a paisagem urbana com vistas a trazer à tona reflexões que nos atravessam em momentos pontuais, como é o caso da nossa relação com a morte e do lugar onde ela está inserida.

Vale ressaltar que vida e morte não são um ponto fixo, mas a personificação de algo/alguém em movimento, que busca dialogar, questionar, interromper um fluxo, causar ranhuras no espaço físico e memorial, enfim, provocar sensações não exatamente dicotômicas sobre sagrado e profano ou início e fim, embora tais aspectos rondem a estética do ensaio².

¹ Trata-se da possibilidade de repensar os modos de negociar a existência em situações nas quais o corpo é potencialmente conflitante para pessoas e grupos que têm como pressuposto a moralidade e a subserviência.

² Apesar de não ser o eixo central de análise do ensaio, a dimensão entre sagrado e profano é um dos elementos que reforça a relação entre os sujeitos, o lugar e a paisagem urbana, afinal, o contato das pessoas com um espaço cemiterial geralmente acontece de forma pontual, com maior fluxo de entrada e

A execução do ensaio dentro do cemitério buscou restituir o lugar da memória em relação à vida/morte e vice-versa ao pavimentar sentidos de existência que, ao serem acionados, podem contribuir para a criação de vínculos em sintonia, seja com aspectos analógicos da produção fotográfica, seja com a composição de lembranças presentes nos antigos álbuns de família. Esses objetos grafam no corpo vivido ou na morte encarnada um processo de transmutação recorrente, um vir-a-ser que pode ser finito ou infinito à medida que reconhecemos os sentidos e significados que atribuímos para cada elemento presente nas imagens apresentadas.

Importante destacar que o título do ensaio, “Corpo (in) finito?”, vem desse processo de transmutação, já que as relações entre corpo e finitude (REIS; GRUNVALD, 2019) podem ser sentidas à medida que são questionadas as fronteiras que separam as noções de vida e morte (matéria-substância/natureza-cultura). Tal ponto nos permite observar com mais atenção o que atravessa os nossos corpos e as nossas existências quando colocamos em suspensão tudo o que nos regula e nos tem como propriedade.

Dito isso, o corpo (grosso modo, uma ação) possui dimensões culturais e históricas que nos permite criar estratégias de pertencimento e diferenciação individual e coletiva. Por isso é tão importante entendermos que o corpo é um produtor de sentidos e não apenas um objeto da cultura, que é adornado conforme a necessidade. O corpo em cena produz diariamente caminhos e agências próprias passíveis de serem confrontadas³.

Ao relacionar essa noção de corpo com o conjunto de imagens selecionado, é possível compreender que vida e morte são rituais que expressam um esgotamento/transbordamento marcado no corpo, nessa estrutura que aprendemos a sustentar os nossos desconfortos, ressentimentos, saudades e ímpetos. Refletir a respeito é reconhecer que os processos ordinários que têm na vida e na morte respostas prontas e acabadas também nos sugere caminhos coextensivos, transmutáveis e ritualísticos em

saída no dia de finados. Contudo, esse cotidiano não está isolado na cidade, as próprias pessoas que o manejam pontualmente também o reforçam quando assim necessitam. Além disso, é preciso dizer que cemitérios são equipamentos urbanos, sendo estes “abandonados” ou não. Há fluxos, trabalhadoras/es, festejos, isto é, existe uma organização socioespacial interna a depender do contexto (RODRIGUES, 2023).

³ Lugar, suporte, receptáculo, objeto, palco, condicionante existencial, são formas de problematizar a noção de corpo na antropologia e em áreas correlatas, como a filosofia, constituindo um campo de conhecimento relevante sobre os processos de desnaturalização corporal a partir de ações, “técnicas” e/ou experiências subjetivas que influenciam os nossos modos de ser e existir e nos diferenciam social e culturalmente. A esse respeito, consultar os trabalhos de Marcel Mauss (2003), Anthony Seeger, Roberto Da Matta e Eduardo Viveiros de Castro (1979), Thomas Csordas (2008) e Judith Butler (2019).

direção ao encontro com o que não queremos ver ou com o que não estamos acostumados a experienciar cotidianamente⁴ (TURNER, 1974).

Esse caráter liminar é permeado pela terra, pelo fogo e pela vela a partir das cores preto e branco que tem o intuito de constituir vivências e conexões que podemos chamar de residuais, tal como a expressão do luto, do sacrifício e da celebração⁵. Sem perder de vista essas vivências e conexões, a relação estabelecida entre o figurino⁶ (máscara preta, luvas pretas e saia branca) e a estética (preto e branco) é uma forma de tornar os objetos agenciáveis, localizando-os como pertencentes a um espaço-tempo único.

O rosto coberto por uma máscara preta lembra a simbologia do luto, gerando um processo de apagamento que não está relacionado a um gênero específico, mas à possibilidade que temos de nos desvencilhar de determinados padrões; o rosto borrado pode nos ajudar a criar outras narrativas sobre os nossos corpos. A saia é um receptáculo de memória, cada passada no espaço faz parte de uma espécie de bailado entre vida e morte, afinal, o chão que é pisado e sentido pelo contato com os seus movimentos estimula um processo de corporificação mútua.

Intercalado pelas insurgências do cotidiano, o ensaio também evidencia aspectos de um sistema sociocultural que aliena expressões/identidades de gênero, colocando-as em situação de marginalidade. É uma forma de mostrar que o que entendemos como corpo e finitude, a depender da situação, são noções descartáveis dentro de um processo de coisificação/materialização, cujo objetivo principal é “sustentar o trabalho da morte” (MBEMBE, 2018), tornando-a uma marca indelével nos caminhos e nas trajetórias de quem vivencia historicamente esse processo de marginalização.

A política da morte ou do descarte também tem relação direta com a proposta do ensaio, principalmente quando observamos o que é feito no cotidiano com determinados corpos que são colocados em situação de marginalidade por não poderem exercer dignamente a vida. O ensaio evidencia a produção dessas violências à medida que abre outros caminhos possíveis para que possamos repensar as nossas relações e as mortes simbólicas provocadas pelo sistema.

⁴ A relação entre o estudo dos rituais e a antropologia, inspirada inicialmente em uma abordagem funcionalista de causa e efeito (início do século XX), busca compreender como a história e a cultura inscrevem no corpo e no imaginário sociocultural um limite.

⁵ Para uma leitura sobre o que eu chamei de elementos residuais em relação ao ritual de “iluminação dos mortos”, no interior do Pará, consultar o trabalho de Marcus Vinícius Nascimento Negrão (2014).

⁶ Assinado pelo estilista paraense Fábio Purificação.

“Corpo (in)finito?” é constituinte de um movimento. A linha do tempo, não exatamente cronológica, torna a ancestralidade viva uma vez que reconhecemos as marcas e os legados deixados no corpo. A ancestralidade que percorre o ensaio do início ao fim expressa a linguagem do inacabado, daquilo que nos ensina sobre a continuidade da vida/morte e de sua dimensão material e simbólica.

*

As fotos foram realizadas na manhã do dia 9 de abril de 2022, no Cemitério da Ordem Terceira, em Belém (PA). Os responsáveis pelos registros e pela edição das imagens foram o fotógrafo Selton Martins e a fotógrafa Adriana Sena, a quem agradeço por todo o cuidado e dedicação. As imagens foram capturadas com o uso de uma câmera *Fujifilm*, lente *Fujinon XF23mmF2 R WR*, e editadas no programa *Adobe Photoshop*.



1. Corpo-símbolo (ato I)

A projeção do corpo em primeiro plano entremeadado pela paisagem, em especial pelos gavetões nos quais restos mortais foram enterrados, denota um simbolismo marcado por tomadas de posição contrárias ao “lugar social” destinado para quem morre. É um corpo-símbolo porque se materializa em meio ao que parece estático ao iniciar a sua caminhada reivindicando algum espaço. Autoria da fotoperformance: Ramon Reis; Autoria da foto: Selton Martins e Adriana Sena (04/2022).



2. Sem título

O recorte mais fechado busca evidenciar os elementos residuais que compõem o cenário e a forma como são manejados com o intuito de apontar possíveis caminhos que serão corporificados à medida que o corpo-símbolo se desloca. Autoria da fotoperformance: Ramon Reis; Autoria da foto: Selton Martins e Adriana Sena (04/2022).



3. Elementos residuais e devoção

A vela, o fogo e a terra são elementos residuais que espelham concepções figuradas sobre o que entendemos a respeito da vida e da morte. Nessa imagem, tais elementos representam a conexão do corpo-símbolo com a materialidade expressa a partir da construção de sentimentos de devoção. Autoria da fotoperformance: Ramon Reis; Autoria da foto: Selton Martins e Adriana Sena (04/2022).



4. Chão corporificado

A imagem representa os caminhos que a ancestralidade corporifica. O chão que é corporificado, envolto pelo figurino que percorre o espaço, evidencia tudo o que em vida nós alimentamos: dores, ressentimentos, traumas, saudades, amores, frustrações, fracassos, expectativas. Autoria da fotoperformance: Ramon Reis; Autoria da foto: Selton Martins e Adriana Sena (04/2022).



5. Sem Título

O corpo-símbolo retorna ao ponto de partida. Nesse trajeto é possível notar um horizonte imaginativo construído, com vistas a vislumbrar a possibilidade de tornar o espaço coextensível às dinâmicas externas, já que não sabemos onde esse corpo chegará. Autoria da fotoperformance: Ramon Reis; Autoria da foto: Selton Martins e Adriana Sena (04/2022).



6. Regulações e sentimentos de posse

Nesse ir e vir, o corpo-símbolo é atravessado na paisagem por olhares que produzem sentidos e significados que servem para aproximar e/ou distanciar a vida da morte e vice-versa. Essa mesma produção de olhares cria distanciamentos nas relações que são estabelecidas dentro e fora do contexto cemiterial. Autoria da fotoperformance: Ramon Reis; Autoria da foto: Selton Martins e Adriana Sena (04/2022).



7. Corpo-símbolo (ato II)

Nesse movimento incessante de ir e vir em relação aos variados sentidos e significados atribuídos às regulações corporais internas e externas, o corpo-símbolo constrói uma imagem-história permeada por todos os julgamentos encontrados ao longo desse percurso.

A imagem representa o jogo da conquista moral, isto é, o momento no qual o corpo é colocado em suspensão e suspeição para escrutínio coletivo. Autoria da fotoperformance:

Ramon Reis; Autoria da foto: Selton Martins e Adriana Sena (04/2022).



8. Sem título

A relação entre o espaço cemiterial e a paisagem urbana expressas na imagem indicam a interferência da dimensão temporal: do que se foi, do que continua resistindo e do que virá. O corpo-símbolo, o espaço e os sujeitos presentes, portanto, resistem em meio ao processo de transformação da paisagem urbana. Autoria da fotoperformance: Ramon Reis; Autoria da foto: Selton Martins e Adriana Sena (04/2022).



9. Sem título

Os traços de força presentes na imagem buscam questionar as imposições dos processos de extermínio de sujeitos que são marginalizados, assim como de espaços cuja função está atrelada a uma ideia de finitude, isto é, do que terminou e se tornou algo meramente contemplativo ou expurgativo. Autoria da fotoperformance: Ramon Reis; Autoria da foto: Selton Martins e Adriana Sena (04/2022).



10. Corpo-símbolo (ato III)

O corpo-símbolo, finalmente, encontra o lugar que porventura lhe cabe: contemplar a si mesmo e a morte vivida entupida do desejo de viver. Esse mesmo corpo repousa nos múltiplos receptáculos de memória que cultivamos. Autoria da fotoperformance: Ramon Reis; Autoria da foto: Selton Martins e Adriana Sena (04/2022).

Referências

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CSORDAS, Thomas. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre. Editora UFRGS, 2008.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399–422.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NEGRÃO, Marcus Vinícius Nascimento. *Iluminando os mortos: um estudo sobre o ritual de homenagem aos mortos no Dia de Finados em Salinópolis-Pará*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/8857>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

REIS, Ramon; GRUNVALD, Vi. Sarita Themônia: Da necrose de corpos à apoptose do invisível. *Novos Debates*, Brasília, v. 5, n. 1-2, p. 143–157, 2019. Disponível em: <http://abant2.hospedagemdesites.ws/novos_debates/wp-content/uploads/2020/09/F8.-Ramon-Reis-Vitor-Grunvald.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves. *Espaços da morte na vida vivida e suas sociabilidades no cemitério Santa Izabel em Belém-Pa: etnografia urbana e das emoções numa cidade cemiterial*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2023. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br:8080/handle/2011/15525>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SAMPAIO, Paula. *As rotas*. Belém: Produção independente, 2011. Disponível em: <<http://paulasampaio.com.br/creditos/>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 2–19, 1979. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/pessoa%3Aindex/boletim_museu_nacional_n32_1979.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2023.

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

Agradecimentos

Dedico o trabalho à memória de todas/os que por aqui passaram, em especial o legado deixado por Zila Pereira dos Reis, como mulher, professora e mãe/avó formadora de gerações de alunas/os na cidade de Salinópolis (PA). Cada imagem tem um pouco do brilhantismo e da resiliência presentes em toda a sua caminhada.

Recebido em 29 de dezembro de 2022

Aceito em 02 de maio de 2023